

190

Posseiro é condenado por chacina de índios

ADRIANA KFOURY

Depois de 24 horas de julgamento, o ex-posseiro Venâncio Nunes Macedo, 51 anos, foi condenado a 20 anos de prisão, acusado de ter integrado a quadrilha responsável pelo assassinato de três índios da reserva Xacriabá, em 1987, em Itacarambi, hoje São João das Missões, no Norte de Minas. Ele está preso na Polícia Federal em Belo Horizonte.

O julgamento começou na manhã de sexta-feira, com a leitura dos autos, que tem duas mil laudas, num salão improvisado no segundo andar da Justiça Federal em Belo Horizonte.

Venâncio é o sexto grileiro que vai a julgamento. Outros cinco foram condenados, um foi absolvido por falta de provas e seis estão foragidos. O irmão do réu, Agenor Nunes de Macedo, que também participou do crime, morreu durante o tiroteio. O juiz da 4ª Vara da Justiça Federal, André Prado presidiu o julgamento.

Esse é o terceiro júri de toda a história da Justiça Federal de Minas e mobiliza, além da comunidade indígena, promotores, estudantes de Direito e dirigentes de entidades de defesa dos índios. O procurador da República, José Jairo Gomes,

atuou na acusação, assistido pelo assessor jurídico da presidência da Funai, Mauro de Souza Freitas, e pelo procurador da instituição João Ferreira Neto. O réu contou com a defesa do advogado Leonardo Coelho Amaral.

Para o vice-prefeito de São João das Missões - onde ocorreu o crime -, Manoel Gomes de Oliveira, o cacique Rodrigo, "a Justiça está agindo". Primo de uma das vítimas, o líder indígena Rosalino Gomes de Oliveira, o cacique lembra que sua família também estava marcada para morrer e que o crime só não foi consumado porque o assassino Agenor, que servia de guia para a quadrilha, morreu no tiroteio.

Eram 2h do dia 11 de fevereiro de 1987, quando os 14 homens invadiram a casa de Rosalino, mantendo-o e aos seus companheiros Manoel Fiúza da Silva e José Pereira de Santana, além de ferir a índia Anísia Nunes de Oliveira. A reserva Xacriabá passava pelo processo de regulamentação fundiária e os conflitos pela posse da terra motivaram a chacina. O chefe do bando, Francisco de Assis Amaro foi condenado a 29 anos de prisão, mas já solicitou o benefício de cumprimento da pena em liberdade.